

Presidente avisa que não vai trocar ministros

FH considera "muito fértil a imaginação das pessoas", assegura que o governo não prepara pacote anticonsumo e se diz convencido, cada vez mais, da necessidade da aprovação das reformas

ODAIL FIGUEIREDO

WASHINGTON — O presidente Fernando Henrique Cardoso pôs fim ontem às especulações de que poderia fazer uma reforma ministerial em consequência das críticas que o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, fez no início da semana a outros integrantes do governo. "A imaginação das pessoas é muito fértil, e muitas vezes chegam a imaginar o que eu estaria pensando", ironizou o presidente.

Fernando Henrique assegurou também que o governo não está preparando um novo pacote de medidas para restringir o consumo. "No Brasil, vivemos sempre como se fosse véspera de Natal: embrulhando pacotes", brincou. O presidente ressaltou que, sempre que julgar oportuno, a equipe econômica vai adotar as medidas consideradas necessárias, mas sem qualquer surpresa ou com a conotação de "pacote".

Ao fazer um balanço da viagem de cinco dias aos Estados Unidos, encerrada ontem, o presidente afirmou que volta ao Brasil mais convencido ainda da necessidade da aprovação das reformas constitucionais encaminhadas pelo governo ao Congresso. Ele considerou normal o prolongamento das discussões no Legislativo, lembrando que deputados e senadores precisam ser corretamente informados sobre as decisões do governo, e que as últimas eleições levaram a

Brasília cerca de 300 novos parlamentares.

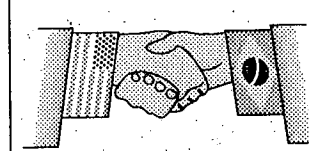
"Não se trata de impor nada", ponderou. "Ou as posições convergem ou não se pode fazer nada é, nesse caso, nem vale a pena fazer." Num esboço de autocritica, o presidente afirmou que "talvez o governo tenha mandado reformas demais ao Congresso, que tem dificuldade natural de absorver tudo". Em seguida, porém, negou mais uma vez a possibilidade de retirar a proposta de reforma da Previdência Social para facilitar a tramitação das emendas sobre a ordem econômica.

"Retirar para quê? Para colocar o projeto deles?", perguntou Fernando Henrique, depois de lembrar que, recentemente, teve uma conversa de duas horas como presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, sobre a reforma da Previdência. "Mas eles não têm projeto", completou. Para o presidente, se a Previdência não for reformada nesse governo, terá que ser modificada pelo próximo presidente, qualquer que seja ele, pois o sistema não vai se sustentar com o crescimento dos pensionistas em ritmo mais rápido do que o dos contribuintes.

A tolerância manifestada por Fernando Henrique em relação às discussões com o Congresso não o impediu, porém, de criticar duramente os que se opõem às reformas propostas pelo governo. "Muitas vezes, para fazer oposição ao governo, acabam prejudicando o País", lamentou. "Os que são contrários às reformas estão trabalhando contra o real e os benefícios que o povo terá com as mudanças", afirmou. "Eles vão ficar estigmatizados."

O problema do contrato de fornecimento de equipamentos para o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) não foi mencionado nas conversas com as autoridades americanas, disse Fernando Henrique. A assinatura do contrato de US\$ 1,4 bilhão, vencido pela empresa americana Raytheon, foi suspensa depois que a Esca, firma brasileira associada ao projeto, foi acusada de fraudar o recolhimento de contribuições à Previdência.

O presidente reafirmou mais uma vez sua confiança na aprovação da Lei de Patentes pelo Senado. A aprovação da lei, já votada na Câmara, é uma antiga reivindicação americana, mas Fernando Henrique observou que a proteção da propriedade intelectual interessa também ao Brasil. "A lei não pode ser vista como uma imposição, mas como algo que é bom, em primeiro lugar, para nós mesmos."



REFORMA DA
PREVIDÊNCIA
NÃO SERÁ
RETIRADA

Fim dos 'complexos' em relação aos EUA

WASHINGTON — O presidente Fernando Henrique Cardoso encerrou ontem sua visita de cinco dias aos Estados Unidos convencido de que o Brasil inicia um "relacionamento sem complexos" com os EUA. Ao fazer o balanço da visita, Fernando Henrique disse que estabeleceu uma relação direta com o governo americano. "Foi uma viagem curta mas profícua", definiu o presidente.

Nas conversas que teve com o presidente Bill Clinton, Fernando Henrique obteve apoio para a proposta de dotar os organismos financeiros, como o FMI e o Banco de Compensações Internacionais (BIS), de mecanismos para controlar a ação dos capitais especulativos no mercado mundial. O presidente também apresentou a Clinton tese de ampliar a composição do Conselho de Segurança da ONU para que nele sejam incluídos países como o Brasil. "Encontrei uma compreensão muito grande do governo americano para esta questão", avaliou. Como resultado da visita, os dois países vão iniciar negociações para definir um acordo de cooperação na área nuclear. O presidente afirmou que, mesmo não tendo assinado o Tratado de Não Proliferação Nuclear, o País está credenciado a receber tecnologia no setor, pois deu garantias de sua posição pacifista e contrária à disseminação de armas atômicas. (O.F.)